

**Aos operários, camponeses, demais trabalhadores e juventude:**

**Com a vitória de Dilma Rousseff, constitui-se mais um governo burguês no Brasil Somente o programa da revolução proletária e o levante dos explorados constituirão um governo operário e camponês, da maioria explorada e socialista**

Com quase sessenta milhões de votos, de pouco mais de cento e trinta e cinco milhões de eleitores, portanto com menos da sua metade, Dilma Rousseff saiu vitoriosa no segundo turno contra o candidato José Serra (PSDB). Na ausência de um partido revolucionário, constituído no seio dos explorados, o Partido Operário Revolucionário em construção defendeu o voto nulo programático desde o primeiro turno. Nossa luta foi e é pela independência política da classe operária, dos demais trabalhadores e da juventude oprimida perante os partidos da burguesia, seu Estado e todas as instituições que o compõem, como as igrejas, associações empresariais, imprensa etc.

O PT há muito se aburguesou. O governo de Lula serviu aos interesses do grande capital nacional e multinacional. E Dilma fará o mesmo. A sua candidatura foi montada sobre uma ampla aliança, cuja coluna vertebral é o PMDB. As massas elegeram Dilma, mas quem vai estruturar o governo são os partidos da aliança. Não por acaso, as forças políticas que garantiram a vitória de Dilma reuniram parte da velha oligarquia e figuras marcadas pelos interesses oligárquicos e familiares, como as de José Sarney, Renan Calheiros e Fernando Collor.

Não resta dúvida que a candidatura de José Serra estava escorada por poderosos grupos econômicos e contava com apoio do imperialismo. Mas esse fato não deve obscurecer que Dilma tão-somente constituirá um novo governo burguês e que administrará os interesses da classe capitalista como se fossem de todos os brasileiros.

O POR rechaça a noção de que eleger o melhor entre o pior represente o melhor para o povo e para o Brasil. O melhor e o pior nas eleições dizem respeito à disputa interburguesa entre os partidos da ordem capitalista. As massas eleitorais são arrastadas de um lado a outro pelo poder econômico e pela propaganda como se de fato se responsabilizassem por escolher o melhor e, portanto, por decidirem o seu próprio destino. Trata-se de um jogo e uma miragem criados pelos partidos da burguesia e pela democracia formal, que de quatro em quatro anos convocam os pobres a apertarem os botões das urnas eletrônicas.

Os trabalhadores nas eleições não decidem nada que dizem respeito às suas necessidades presentes e futuras. Decidem, em alguns segundos de votação, que candidato será eleito – isso é a democracia formal, burguesa. É falso que escolhem programas e propostas. A política econômica do governo eleito será resolvida de acordo com as exigências da situação econômica do capitalismo, ou seja, da exploração do trabalho e da acumulação de capital.

A crença de que Lula foi bom para os pobres, com o Bolsa Família e outros programas sociais, e que Dilma continuará fazendo o mesmo é um veneno inoculado no cérebro dos famintos por meio do estômago. A substância desse veneno é a política burguesa de assistencialismo, de controle e de prostração das massas exploradas.

A bandeira de Lula, Dilma e PT que os pobres estão ficando menos pobres e que a miséria está diminuindo cria a ilusão de que o sistema econômico capitalista de exploração do trabalho caminha para a eliminação das brutais chagas sociais. O assistencialismo serve para arrastar a maioria a apoiar os pretensos reformistas. Na realidade, a classe capitalista

aumentou suas propriedades, riquezas e luxos; a classe operária e os camponeses continuaram pobres ou miseráveis. A pequeníssima melhoria para uma camada social é conjuntural e insignificante diante das necessidades primárias, como alimentação, vestimenta, habitação, saúde e educação. Milhões de brasileiros continuam à margem do essencial. Lula, Dilma e PT fantasiam que seus governos têm como integrar esses milhões ao consumo e dinamizar a economia capitalista.

A maioria pobre que elegeu Dilma votou na boa fé de que tudo continuará melhorando e que os dias de privação vão se acabar. E outros milhões que não deram maioria a José Serra foram convencidos de que estariam se contrapondo à corrupção e à desumanidade daqueles que admitem o aborto, bem como assegurando a estabilidade econômica. Imprensa, padres, bispos, papa, pastores e empresários não se cansaram de apresentar Serra como o melhor candidato. É verdade que uma facção das igrejas trabalhou por Dilma, salientando que seu governo será melhor para todos. Mas a maioria continuou com Dilma na esperança de que a miséria e a fome têm seus dias contados.

Não há nada pior para os explorados do que confiar suas dores aos exploradores. Não há nada pior para os explorados do que não confiar em sua força coletiva e depositar confiança nos traidores. Mas essa trágica constatação é consequência, que não deve servir para responsabilizar os explorados. A causa mais profunda se encontra internacional e nacionalmente na crise de direção política.

As jovens gerações da classe operária e da juventude desconhecem o processo histórico de destruição do partido comunista russo e da III Internacional Comunista, ambos enraizados na Revolução Russa de 1917. Destruição essa levada a cabo pela fração dirigida por Josef Stálin e que se estendeu por todos os PCs do mundo. No Brasil, a degenerescência estalinista do PCB/PCdoB bloqueou o desenvolvimento do partido revolucionário. As organizações de esquerda que se formaram já no final da ditadura militar não foram capazes de se colocar pela tarefa de constituir o programa da revolução socialista e de elevar a organização e a consciência de classe dos explorados.

O PT surgiu no quadro de crise de direção revolucionária e se projetou apoiado inicialmente nos sindicatos e na CUT. Mas acabou se aproximando de setores da burguesia e definitivamente se corrompeu na política eleitoral. A vitória de Dilma acelerará a experiência dos oprimidos com o PT, embora o caudilhismo de Lula tenha permanecido vivo.

O POR alerta a classe operária, os camponeses e a juventude a não confiarem no novo governo. Dilma, o PT, PMDB, PSB, PCdoB e outros aliados terão de continuar as reformas antipopulares, como a da previdência e a trabalhista. A crise econômica mundial ainda não se esgotou. Os seus reflexos no Brasil foram absorvidos, mas a custa de maior endividamento do Tesouro Nacional e do endividamento da população. O grande capital exigirá maior proteção e Dilma estará ao seu serviço.

O Partido Operário Revolucionário chama os trabalhadores e a juventude a se organizarem no seu campo de classe, construir o partido marxista-leninistatrotskista, libertar os sindicatos do controle da burocracia e defender as reivindicações por meio do método da ação direta (greves, bloqueios, ocupações etc). O POR estará na linha de frente dos combates, empunhando o programa da estratégia da ditadura do proletariado e da aliança operário-camponesa.

Viva a independência de classe dos explorados!

Nenhuma confiança no novo governo burguês de Dilma!

Novembro de 2010